

das realizações dos homens para que se façam e se sintam mais homens.

O homem que se esclarece sobre o vínculo que tem com o trabalho que

realiza, está, no mínimo, mais perto de si mesmo, mais apropriado de si. Uma forma de contribuir para isto é fazer da atividade de selecionador de pes-

soal uma oportunidade de conscientizar pessoas sobre seu projeto profissional, projeto de vida e possibilidades que o mundo real lhe oferece.

ERRATA

No artigo "Estudo sobre a clientela da área de saúde mental em Varginha", de José Roberto Sales, no nº 2, ano 9, desta Revista, à página 23, 3ª coluna, 1º parágrafo, deve ser lido: *Da população masculina, é a mais suscetível ao tratamento*; no 2º parágrafo: *Quanto ao sexo...*; e na tabela II, à página 24, *angústia*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BUCHER, R. Psicologia científica: Realidade ou mito? *Revista Psicologia, Ciência e Profissão*. Brasília. C.F.P. 1 (1), jan., 1981.
2. FINGERMANN, G. *Psicotécnica y Orientación Profesional*. Buenos Aires, El Ateneo, 1968.
3. HEATHER, N. *Perspectivas radicais em Psicologia*. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
4. LIBÂNIO, J.C. Psicologia educacional: uma

avaliação crítica. In: LANE, S. T.M. e CODO, W. (orgs). *Psicologia Social — o homem em movimento*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

5. MARX, K. e ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. Lisboa, Avante, 1981.
6. PAULON, S. M. Chamado igual em classes desiguais? *Revista Mundo Jovem*, Porto Alegre, XXVI, (196): 2-3, abr. 1988.

CONTRAPONTO

Seleção e "inversão" da socialização do trabalho

Marco Antônio C. Figueiredo

Prof. da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Riberão Preto

Uma das mais freqüentes preocupações daqueles que buscam discutir os limites da Seleção Profissional e seu papel, dentro do quadro de referência da atuação do psicólogo no âmbito da Organização do Trabalho, se liga ao caráter positivista das estratégias utilizadas e à concepção mecanicista atribuída à relação homem-trabalho. Realmente, desde o momento em que o movimento taylorista colocou na ordem do dia, com a gerência científica, a necessidade de adequar o homem à tarefa fragmentada, a psicologia se investiu da missão de descobrir atributos psicológicos que pudessem estar associados ao desempenho profissional.

Entretanto, o maior dilema que o psicólogo hoje enfrenta, ao exercer as atividades de Seleção, decorre do duplo caráter que a produção adquire, ao se desenvolver: enquanto a especialização simplifica os procedimentos de Seleção, facilitando o estabelecimento de critérios operacionais e a validação das medidas tomadas, ao mesmo tempo a cooperação socializa, transportando o foco da Seleção para o nível das relações psicossociais do trabalho.

O resultado é um novo ganho

em complexidade que coloca a Seleção Profissional frente a novas questões que, transcendendo a esfera do controle técnico do trabalho, a transporta para esfera política da produção. Se, anteriormente, recém-saída do taylorismo, a psicométrica clássica buscou adequar trabalhadores e funções, a partir da perspectiva de avaliação de atributos relativamente estanques de homens e cargos, com a socialização o controle se estende, perde a especificidade do posto de trabalho, e se desdobra para fenômenos que ultrapassam as barreiras da tarefa imediata.

O parcelamento esvazia o trabalho do seu significado, para o trabalhador; o controle se desloca, do âmbito técnico do trabalho, para o redu-to da internalidade do trabalhador. E, nesta passagem, as práticas de Seleção acompanham esse movimento, buscando na avaliação de atitudes, liderança, motivação, etc, as premissas para seus prognósticos e validações.

Esse deslocamento caracteriza a ideologia passada da produção para a sociedade; caracteriza a tentativa da conquista da subjetividade do trabalhador, tendendo à separação das téc-

nicas de produção das técnicas de dominação, saindo do controle taylorista para a esfera política da produção. Frente à socialização da produção, a psicologia responde com a referência no indivíduo, com a internalização do controle.

Esta mesma inversão pode ser observada em algumas correntes que criticam a psicologia do ponto de vista da devolução do processo de hominização na produção. Estas correntes acabam colocando a psicologia como um instrumento de conscientização, cuja missão é esclarecer o indivíduo a respeito de sua vinculação ao trabalho, buscando devolver ao indivíduo a reapropriação de si.

Mantendo-se no referencial da psicologia, a "crítica" persevera nas formas fetichizadas e se volta para o indivíduo psicologicamente descritível, invertendo o processo de socialização. E esse poder desmobilizador age como um "tampão" à evolução da consciência de classe, se referindo à contradição no seu efeito imediato, conservando a resistência do trabalhador na sua origem, como simples fatos psicológicos, de indivíduos.